

Rua Jerônimo Monteiro,
216/213 22431 22431 22431
Lilou Rio RJ

Via Aérea

Dr. Carlos Rosal Schmidt
Mal. Teodoro, 25

88.160 Biquaen R

Encontro com Gastón Figueira

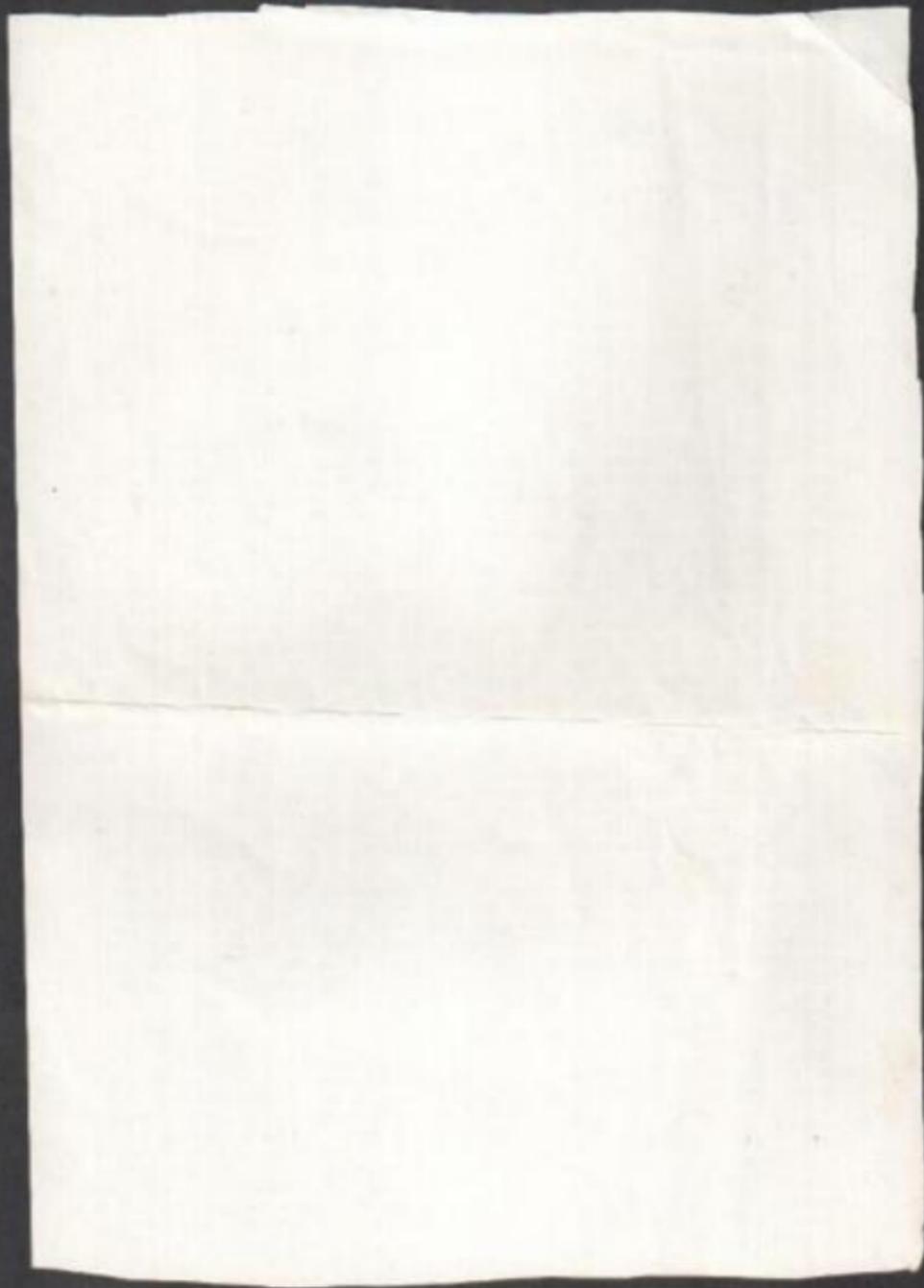
Juana de Ibarbourou

NÃO lembro o ano em que conheci Gastón Figueira. Sei que era um dia em que toda Montevideo intelectual se reunia em nossa Universidade, pois Alfonso Sorni, hóspede de honra, ia falar da alta tribuna de seu salão nobre. Cheguei poucos minutos antes que a poetisa argentina — "roja, chatilla y lesa" — ocupasse o seu lugar perante o público nervoso e inquieto. Amava-se Alfonso, sua poesia, seu drama, sua graça pungente, a dissimular a amargura da alma, tão duramente ferida, com uma terrível agressividade risca. O "mestre de cerimônias" era o Dr. Julio Lerena Juicicó, de querida memória, que reverenciava o verso mas não se afastava nunca de sua exigente gramática, o que às vezes punha em grande aperto seus amigos poetas. Dirigiu-me, apressada, para o único lugar que avistei vazio na ponta de uma repleta fila de cadeiras. E quis a minha boa sorte que esse lugar ficasse junto ao que ocupava José H. Figueira, meu ilustre e sábio amigo. A dois passos, gorila, morena e desouidada, Marta Eugenia Vaz Ferreira, que se empenhava em ignorar-me e não me ver nunca, voltava ostensivamente para o lado oposto sua grande cabeça despertada. Em troca, porém, que glória estar junto daquele grão-senhor encantador, cuja magna cultura não o impedia de ser tão finamente atencioso com o vulgo que dispunha apenas da língua vernácula — enquanto ele era um poliglota de oito ou dez idiomas europeus, além de latim, árabe e grego, tendo ainda um conhecimento profundo de tudo quanto constitui a civilização universal! Com o meu douto amigo Figueira se achava um menino de calças curtas, de fino rosto cor de âmara, alanciano e sorridente, que me estendeu a mão, assim que o pai disse, com a fisionomia iluminada: — Meu filho, Gastón.

Nessa primeira saudação ficou selado para sempre um dos mais preciosos e caros afetos de minha vida. Aquele garoto, que já havia publicado seu primeiro livro de versos, Dulce y Violento, chegaria a ser, com o passar do tempo, um dos nossos grandes poetas, o americanista mais desinteressado e incansável, o melhor representante "ad-honorem" da literatura do nosso Continente. Sua vastíssima obra poética e sua crítica sempre convincente lhe deram um lugar elevado e fundamental em toda a América. Sempre que o vejo, a imagem do doce menino sorridente, que me foi apresentado por seu ilustre pai, logo se sobrepõe à do homem de hoje, cujas ténporas começam a embranquecer.

Gastón Figueira tem vivido para a poesia e numa sutilética e inextinguível amizade pura com a poesia. Em tantos anos, eu, que tive tantos Pedros que me negaram antes que o galo cantasse três vezes, tantos Judas que me venderam por muito menos que os miseráveis trinta dinheiros da tragédia evangélica, posso dizer: ele, este meu Gastón Figueira daquele dia, de sempre e de agora, tem sido para mim um amigo tão fiel que, muitas vezes, se me ilumina e dia mais coberto de sombras, só ao pensar que posso esse afeto, digno de ser assinalado com a mais rica e alta condecoração à lealdade.

O quadro daquela tarde na Universidade se mantém claro e nítido em meu coração. Recordo que, mais de uma vez, durante as duas horas ineludíveis, não sei por qual atração instintiva, volvi o rosto umas tantas vezes para fitá-lo em seu entusiasmo; parecia fascinado pela palavra de Alfonso. Ficou gravado em mim aquele fino perfil, aquela atenção de adolescente que saltava de sua infância — decerto ainda de leituras de Júlio Verne e partidas de "foot-ball" — para transpor o umbral solene de uma vocação sempre unida de sofrimentos e decepções. Ele, porém, estava fora dos padrões comuns. Já era um poeta. Sem classificações, com heroísmo, foi o que continuou a ser. E com tal generosidade e graça de Deus que seu nome, tão querido e puro — Gastón Figueira —, já não pertence apenas a seu país, mas a toda a América, onde mais alto flumeja, talvez, que em sua própria pátria. Coisas de santo de casa.



BUSCO A PALAVRA

Maura de Senna Pereira

Não a que vem de mitos nem de lendas
a que traz resquícios do passado
nem mesmo dos bosques frescos do porvir
em que por vezes me hei refugiado
A palavra que decerto jamais escreverei
pois a que tenho escrito — tenho rasgado
por imprecisa, inócua, ataviada

Breve ou não, quero-a brava e exata
espelhando o homem do meu tempo
Busco a palavra em que lateje o presente
a hora que o relógio marca
fim de centúria e de milênio
era superapocalíptica

Nem o transato nem o amanhã
só esta hora mesma e conflagrada

de agora
na palavra em que meu semelhante veja
a sua face

e nosso tempo em meu texto
e diga: está certo, irmã

RS

81

Querido C. Donald, Rio, 26/01/81

Sees ter recebido minha
carta e aqui estou cum-
prindo o prometido. O artigo
de J. A. de Almeida saiu
num dos "Cadernos da Terra" e
me surpreendeu. Ela desapareceu
em 1980 e o artigo em questão
saiu em 79. A citação num
abrace de Cousin e outro
com o carimbo e a administração de
sempre - de Maria